

Moçambique «é uma história de sucesso» e ONU garante permanência da força de paz

Butros Ghali revelou-se satisfeito após reuniões com o presidente moçambicano Joaquim Chissano e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama

O secretário-geral da ONU, Butros Ghali, afirmou em Maputo que «um novo impulso» foi dado ao processo de paz moçambicano e que as Nações Unidas não se retirarão daquele País.

Ghali falava à saída de uma reunião, não anunciada, de cerca de três horas que manteve quarta-feira com o presidente Joaquim Chissano e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama.

Segundo afirmou Chissano, o calendário revisto do processo de paz moçambicano foi já aprovado.

O presidente, que terça-

feira à noite tivera uma reunião a sós com o líder da Renamo, adiantou que o calendário, que se encontrava em discussão desde meados de Setembro, foi aprovado através dos mecanismos previstos pelo Acórdo Geral de Paz.

Esses mecanismos são a Comissão de Supervisão e Controlo, onde tem assento a ONU, o Governo, a Renamo e os países observadores.

«Tivemos uma conversa muito construtiva. Um novo impulso foi criado a favor de do processo de paz» —

declarou Butros Ghali.

«Estou certo que nos próximos dias conheceremos todos os detalhes, mas posso dizer-vos que um novo impulso foi criado no processo de paz» — acrescentou.

«Podemos dizer que Moçambique é uma história de sucesso» — declarou visivelmente satisfeito e sorridente o secretário-geral da ONU.

«A boa vontade existe e as Nações Unidas não se retirarão de Moçambique» — sublinhou Butros Ghali, que na breve conferência

de imprensa que deu na segunda-feira passada deixara no ar a ameaça de a ONU fazer as malas e partir «se não houver vontade política das partes».

O Conselho de Segurança das Nações Unidas deve reunir-se no final deste mês para aprovar a renovação do mandato da Onuz em Moçambique, mas Ghali indicara terça-feira aos embaixadores dos países observadores que essa era uma questão «absolutamente em aberto», dando a entender que todas as hipóteses eram possíveis, in-

cluindo uma retirada.

O calendário revisto do processo de paz inclui o acantonamento e desmobilização das tropas, cujo início tem a sua data marcada até 30 de Novembro.

As principais reticências vinham da Renamo, que exigia o desarmamento das forças irregulares — milícias, exércitos privados e «naparamas» (guerreiros tradicionais) — e a instalação prévia de um contingente da ONU para fiscalizar a Polícia.

Mas Afonso Dhlakama, depois de se encontrar com Ghali, deu a entender que o seu movimento estava disposto a acantonar desde que houvesse um compromisso do Governo de que os seus militantes não seriam, mesmo sem o desmantelamento das forças irregulares e a chegada do contingente policial da

ONU.

Aliás, invertendo a exigência feita por Dhlakama, Ghali disse ao líder da Renamo que o contingente policial das Nações Unidas só iria para Moçambique se estivesse previsto o início do acantonamento, como já aconteceu.

Logo à chegada a Maputo, a porta-voz do secretário-geral da ONU, Therese

Gastaut disse que Ghali pretendia uma «data firme» para o começo do acantonamento.

Ghali, que na quarta-feira deixou Maputo a caminho de Nairobi (Quénia), partiu com garantias de que o processo moçambicano está desbloqueado, compensando os desaires das Nações Unidas noutras paragens.